

N.B.

Este texto é para ser colli-
cado no processo Frade
das Cartas de Tradigere

Cartas de Tradigere Mendes*

* Este estudo de que me ven
estad incompleto, foram ^{já} publi-
cadas alguns fragmentos, e hoje
dado na forma definitiva, e
integralmente, como a indispensa-
vel, introduzidas as Cartas de Tradigere
Mendes, ^{sem o qual ellas não teriam con-}
~~que deo elle teria mal con-~~
prezadas.

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Semipóstumos e Póstumos

A Correspondência
de Fradique Mendes
(Memórias e Notas)

Edição de
Carlos Reis
Irene Fialho
e Maria João Simões

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2013

INTRODUÇÃO¹

1. HISTÓRIA DO TEXTO

1.1. No dia 26 de agosto de 1888, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro iniciava a publicação do que aparentava ser um desprezioso relato memorial. Apontava nesse sentido o subtítulo «Notas e recordações» que, entre parênteses, se seguia ao nome da figura que motivava as ditas notas, Fradique Mendes. Ao cimo, um título mais circunstanciado: «A Correspondência de Fradique Mendes». No final, a assinatura: Eça de Queirós. Com uma regularidade diária quase absoluta, a publicação prosseguiu até ao dia 9 de setembro seguinte, interrompendo-se aí, sem explicação. O último trecho publicado é o parágrafo que, começando com a expressão «A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880», termina assim: «Por fim, com um decidido esforço, como Novalis nas escadas de Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que estaria às duas, sem falta, mas sem missa, à entrada da Casa Havanesa.»²

Eça de Queirós não era propriamente um desconhecido nas páginas da *Gazeta*. A edição crítica das crónicas queirosianas publicadas naquele influente jornal brasileiro atesta bem a quantidade e a qualidade das intervenções periodísticas do grande romancista no

¹ São aqui reutilizados textos e reflexões anteriores, da autoria dos responsáveis por esta edição, sendo esses contributos reajustados aos propósitos desta introdução.

² Na regularidade de que falámos regista-se apenas uma interrupção: não se publica texto das «Notas e recordações» nos números 248 e 249, relativos aos dias 5 e 6 de setembro desse ano.

referido jornal³. E contudo, ao depararem com a prosa queirosiana, os leitores cariocas não podiam saber duas coisas: que se encetava ali uma das principais obras do escritor (e uma das mais originais de toda a literatura portuguesa) e que o texto que lhes era oferecido passaria ainda por muitas e profundas transformações, antes de ser editado em livro, em 1900, pouco tempo depois da morte de Eça.

Do mesmo modo, os leitores brasileiros certamente ignoravam que, poucos dias antes, o jornal lisboeta *O Repórter* iniciara a publicação do que, pelo título e pela epígrafe, parecia ser o mesmo texto. Neste caso, a inserção era semanal, às quintas-feiras, tendo-se desenrolado entre os dias 22 de agosto e 4 de outubro desse ano de 1888, com uma pausa a 27 de setembro. Naquela primeira quinta-feira de outubro interrompeu-se a serialização, sendo este o último parágrafo do texto:

O pobre duque recuou, aterrado; e Fradique sepultou o *Livro de ouro da Sandice Parlamentar* nas profundidades duma arca D. João III, entre antigas colchas de seda. Pensou mesmo depois em o queimar. Mas o seu interesse de crítico prevaleceu sobre a sua piedade de cidadão.

Se as «Notas e recordações» d'*O Repórter* (à época dirigido por Oliveira Martins e tendo como secretário da redação Fialho de Almeida) terminam aqui, não acontece assim na *Gazeta de Notícias*. Indo mais longe do que o jornal português, a *Gazeta* voltou a inserir material fradiquista quatro anos depois: entre 13 e 27 de novembro de 1892 apareceram quatro cartas de amor (a Clara)⁴. Nesse mesmo ano e antes deste novo ciclo, haviam surgido na *Gazeta* crónicas queirosianas inquestionavelmente ligadas, como adiante se verá, à longa e acidentada composição d'*A Correspondência de Fradique Mendes*⁵.

³ Cf. *Textos de Imprensa IV (Da Gazeta de Notícias)*, edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

⁴ Apenas a primeira tem a epígrafe «A Clara» e o título «Quatro Cartas de Amor»; as restantes têm o título «Cartas de Amor».

⁵ Mais precisamente: «Padre Salgueiro», n.º 164, de 13 de junho; «Quinta de Frades», n.º 208, de 27 de julho; «O caminho de ferro de Jerusalém», n.º 290, de 17 de outubro (com assinatura João Gomes).

Não termina aqui a história de Fradique Mendes na imprensa. Quando meteu ombros à empresa que foi a *Revista de Portugal*, Eça de Queirós levou textos fradiquistas para aquele seu importante projeto: desde o volume I (no número 3), em 1889, até ao volume III (número 19), em 1891, aparecem os oito capítulos daquilo que no livro se designaria como «Memórias e notas», mais oito cartas de Fradique Mendes; em ambos, livro e *Revista de Portugal*, deparamos com o mesmo erro de numeração em dois capítulos sequenciais (a repetição do número III), o que deve ser tido em conta, no sentido de irmos percebendo a relação estemática entre ambos estes textos — ou melhor, macrotextos⁶. Noutros termos: é este um primeiro e claro indício de que a composição do livro tomou como referência a série inserta na *Revista de Portugal*.

Seja como for, antes da edição em livro *A Correspondência de Fradique Mendes* teve a sua versão mais extensa na *Revista de Portugal*, com o título *Cartas de Fradique Mendes*. Um título que faz um certo sentido: num regime de publicação «aberto» (ignorava-se quando a revista terminaria), não estava em causa aqui (ainda) a divulgação de um epistolário no seu conjunto (uma correspondência, se bem que selecionada), mas cartas «esparsamente» dadas à estampa, conforme se diz quase no final do derradeiro capítulo das *Cartas de Fradique Mendes* da *Revista de Portugal*⁷. Por fim: a revista *A Ilustração* (Paris, 1890, 7.º ano, vol. VII, n.º 16, 20 de agosto, pp. 243 e 245-246) acolheu uma carta de Fradique

⁶ O conceito de *macrotexto* envolve implicações de organização editorial que assumem especial significado no caso de uma obra com as características d'*A Correspondência de Fradique Mendes*. Refere-se aquele conceito ao «resultado da agregação de vários textos, normalmente de feição idêntica em termos de género, numa unidade mais ampla, a que se pretende atribuir uma certa *coerência*. [...] A unidade mais ampla que é o macrotexto pode configurar-se então como *obra literária*, eventualmente reforçada, nessa sua condição, por elementos de enquadramento *paratextual* (título, prefácio, posfácio, etc.)» (C. Reis, *O Conhecimento da Literatura*, 2.ª ed., Coimbra, Almedina, 2008, p. 202).

⁷ Cf. *Revista de Portugal*, vol. II, n.º 2, fevereiro, 18, 1890, p. 229. Reforça-se a «abertura» referida pela ausência de artigo: não são *As Cartas...*, mas simplesmente *Cartas...* (*algumas* cartas), diferentemente do que será indiciado pelo título do livro (*A Correspondência...*). Isto não quer dizer que a publicação em livro não levante as dúvidas que são conhecidas (e a que voltaremos), quanto à identificação do responsável pela edição conjunta de introdução e cartas.

Mendes: a carta a Ramalho Ortigão, originariamente aparecida na *Revista de Portugal* (1890, vol. II, n.º 3, março, pp. [382]-397) e que no epistolário de 1900 tem o número VI; e na *Revista Moderna* (25 de julho de 1897, pp. [69]-71) foi publicada a «Crónica — Carta a Bento», provinda da *Gazeta de Notícias* (26 a 28 de abril de 1894), com importantes desenvolvimentos.

1.2. Os quadros que se seguem darão uma ideia mais clara do que foi a distribuição dos textos fradiquistas, *stricto sensu* e *ante mortem* de Eça, por vários locais e ao longo dos anos⁸:

<i>O Repórter</i> (1888)	<i>Incipit</i>	Capítulo
233, 22 de agosto de 1888.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 [...].	I
241, 30 de agosto de 1888.	Toda essa noite preparei frases cheias de profundidade [...].	II
248, 6 de setembro de 1888.	Decorreram anos. Trabalhei, viajei.	III
255, 13 de setembro de 1888.	As iluminações no Oriente, onde o gás é uma magnificência [...].	IV
262, 20 de setembro de 1888.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes [...].	V
276, 4 de outubro de 1888.	Fradique reunia uma vasta ciência a uma vasta experiência.	VI

<i>Gazeta de Notícias</i>	<i>Incipit</i>	Capítulo/ Cartas
238, 26 de agosto de 1888.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 [...].	I
239, 27 de agosto de 1888.	Toda essa noite[,] fumando cigarros, preparei frases [...].	II
240, 28 de agosto de 1888.	Pela escada, o poeta das <i>Lapidárias</i> aludiu àquele tórrido calor [...].	II

⁸ Sem excluir a consulta *de visu* dos vários jornais e revistas mencionados, importa sublinhar a preciosa ajuda que a este historial foi dada pela obra de Ernesto Guerra da Cal, *Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, tomo I, pp. 97-101.

<i>Gazeta de Notícias</i>	<i>Incipit</i>	Capítulo/ Cartas
241, 29 de agosto de 1888.	Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei.	III
242, 30 de agosto de 1888.	Entusiasmado já construía a primeira frase do Conto [...].	III
243, 31 de agosto de 1888.	As iluminações no Oriente, onde o gás é uma magnificência [...].	IV
241 [sic, 244], 1 de setembro de 1888.	Assim conversando, tínhamos penetrado no largo [...].	IV
245, 2 de setembro de 1888.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes [...].	V
246, 3 de setembro de 1888.	Fradique Mendes tinha essa soberba isenção.	V
247, 4 de setembro de 1888.	Fradique juntava a uma larga ciência uma vasta experiência.	VI
250, 7 de setembro de 1888.	A derradeira vez que Fradique visitou Lisboa [...].	VII
251, 8 de setembro de 1888.	O fino e erudito escritor, que assina <i>Alceste</i> [...].	VIII
252, 9 de setembro de 1888.	Dois razões me determinaram a publicar essas cartas [...].	VIII
316, 13 de novembro de 1892.	Quatro cartas de amor. A Clara. [inserida na <i>Revista de Portugal</i> , IV, 19, dez. de 1892 [sic; 1891].]	[I]
324, 20 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	II
328, 24 de novembro de 1892 ⁹ .	Cartas de amor.	III
331, 27 de novembro de 1892.	Cartas de amor.	IV

<i>Revista de Portugal</i>	<i>Incipit</i>	Capítulo/Cartas
1889: vol. 1, n.º 3, 1 de setembro, pp. [261]-298.	A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880 [...].	I, II e III
1889: vol. 1, n.º 5, 1 de novembro, pp. [517]-543.	Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes [...].	IV ¹⁰ e V

⁹ Data atribuída por E. Guerra da Cal. Todavia, no número indicado não se encontrou a carta.

¹⁰ Repete-se o número III na *Revista de Portugal*. Mantém-se o erro de numeração dos capítulos, a partir daqui.

<i>Revista de Portugal</i>	<i>Incipit</i>	<i>Capítulo/Cartas</i>
1889: vol. I, n.º 6, dezembro, pp. [759]-769.	A última vez que Fradique visitou Lisboa [...].	VI
1890: vol. II, n.º 1, janeiro, pp. [21]-29.	O fino e erudito moralista que assina <i>Alceste</i> [...].	VII
1890: vol. II, n.º 2, fevereiro, pp. [225]-239.	Se a vida de Fradique foi assim governada [...] As Cartas (1.ª Série).	VIII I: Ao visconde de A.-T. II: A Madame de Jouarre. III: A Oliveira Martins.
1890: vol. II, n.º 3, março, pp. [382]-397.	As Cartas (1.ª Série).	IV: A Madame S. V: A Guerra Junqueiro VI: A Ramalho Ortigão.
1890: vol. II, n.º 4, abril, pp. [680]-691.	As Cartas (1.ª Série).	VII: A Madame de Jouarre. VIII: Ao Snr. E. Mollinet.
1890 [sic; 1891]: vol. III, n.º 18, novembro, pp. [731]-738.	As Cartas (2.ª Série).	I: A Madame de Jouarre.
1892 [sic; 1891]: vol. IV, n.º 19, dezembro, pp. [45]-48.	As Cartas (2.ª Série).	II: A Clara... [inserida na GN, 13 de novembro de 1892].

<i>A Ilustração</i>	<i>Incipit</i>
Vol. VII, 16, 7.º ano, 20 de agosto de 1890.	Cartas de Fradique Mendes (A Ramalho Ortigão).

1.3. Do cenário descrito podemos destacar desde já três grandes problemas. Primeiro: embora publicados praticamente na mesma altura¹¹, os textos d'*O Repórter* e da *Gazeta de Notícias* evidenciam diferenças importantes, o que de imediato obriga a

¹¹ Assim se fazia para evitar o aparecimento de edições piratas no Brasil e também para obter proventos dos dois lados do Atlântico. Eça chamou a este estratagema um «cambalacho de prosa», seguindo o exemplo do que faziam os escritores ingleses, com publicações em simultâneo na Inglaterra e nos Estados Unidos da América (cf. carta a Oliveira Martins, in *Correspondência*, organização e anotações de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 2008, I, p. 543.)

perguntar qual deles precedeu o outro, ou seja, qual foi a matriz e qual foi a cópia. Dúvida que remete para a inevitável verificação de Eça como escritor que compulsivamente reescrevia os seus textos, *mesmo quando fazia uma mera cópia* (não chegara ainda o tempo das reproduções mecânicas...). Segundo problema: quando, logo no ano seguinte (1889), Eça inseriu Fradique Mendes na *Revista de Portugal*, fê-lo *da capo*, quer dizer, reiniciando a biografia e apoiando-se, pelo menos em parte, naquilo que antes publicara. Duas explicações possíveis (e que se não excluem mutuamente) para este procedimento: em primeiro lugar, a figura de Fradique Mendes não seria ainda bem conhecida do público e havia que reapresentá-lo, opção reforçada pelo facto de, pelo menos na expectativa de Eça, o leitor da *Revista de Portugal* ser, em muitos aspetos, diferente do leitor d'*O Repórter*; em segundo lugar, Eça, como sempre, não estaria inteiramente satisfeito com o que escrevera anteriormente para *O Repórter* e para a *Gazeta de Notícias* e cedia a uma tentação antiga, a de escrever tudo (ou grandíssima parte) de novo¹². Terceiro problema: quando, por fim, trabalha para o livro *A Correspondência de Fradique Mendes*, Eça volta a apoiar-se no que já estava publicado; pelo que ficou sugerido, mas carece da confirmação a que aqui se procederá, o escritor aparentemente terá feito fé sobretudo no que fora dado à estampa na *Revista de Portugal*, até porque essa era a versão mais completa e amadurecida de um projeto mais antigo do que as circunstâncias dão a entender. Tudo somado, pode afirmar-se que Eça terá escrito e reescrito partes importantes d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (designadamente, o relato biográfico introdutório) pelo menos quatro vezes.

Como já se disse e é sabido, o volume *A Correspondência de Fradique Mendes* foi publicado em 1900, algumas semanas depois da morte do escritor, no que foi a primeira edição em livro, a

¹² O cotejo de textos da *Revista de Portugal* com os dois jornais mostra diferenças substanciais, que permitirão falar numa nova versão, fenómeno bem conhecido na história literária queirosiana, pelo menos desde *O Crime do Padre Amaro*; veja-se a introdução à edição crítica deste romance por C. Reis e Maria do Rosário Cunha (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, pp. 68 e segs.).

que muitas outras se seguiram¹³. Deste modo, o referido volume faz parte de um conjunto de três títulos com que se inicia a atribulada fortuna (ou má fortuna...) editorial póstuma do grande romancista; juntam-se-lhe *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*, ambos com trajetos compositivos próprios, mas tendo em comum com *A Correspondência de Fradique Mendes* o facto de provirem de tentativas anteriores, no primeiro caso decorrendo o romance que hoje conhecemos de uma versão incompleta, serializada na *Revista Moderna*. Como quem diz: *déjà vu*¹⁴.

O chamado cânone queirosiano merece, então, uma reflexão própria, que se não fará aqui sem que antes se note o seguinte: o epistolário fradiquista não se resumia, como depois de 1900 se viu, ao conjunto de cartas que no livro foram recolhidas. Quando, em 1912, Luís de Magalhães edita *Últimas Páginas* (e que, afinal, não eram últimas...), lá vem mais uma carta de Fradique Mendes, neste caso a Eduardo Prado; e em 1929, a recolha *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* exhibe outras seis cartas do poeta das *Lapidárias*, entre as quais se conta a importantíssima carta a E..., documento fundamental para a compreensão do estatuto ontológico de Fradique Mendes. Por fim, uma última carta a Clara foi publicada pela primeira vez por Jaime Cortesão¹⁵, incluída nas edições Lello a partir da chamada Edição do Centenário (vol. VI; 1947) e inserta na edição Helena Cidade Moura (Livros do Brasil, s. d.).

¹³ Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, ed. cit., tomo 1.º, pp. 104 e segs.

¹⁴ A edição crítica de *A Ilustre Casa de Ramires* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999), por Elena Losada Soler, analisa minuciosamente a relação do romance com a versão que o antecedeu. Por sua vez, a escrita de *A Cidade e as Serras* é, como se sabe, indissociável do conto «Civilização».

¹⁵ Nos jornais *A Manhã* (do Rio de Janeiro) e *O Estado de São Paulo*, bem como na revista *Seara Nova* (cf. *Eça de Queirós e a Questão Social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, pp. 37 e segs.). Foi Manuel Bandeira quem lembrou a existência desta carta (Cf. «Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira», in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa-Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 167-182). Voltaremos a esta questão.

1.4. Distribuem-se do seguinte modo, por volume e com identificação referida ao Espólio de Eça de Queirós, quando é o caso, o conjunto dos textos a ter em conta para o estabelecimento do texto base d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, conjunto que é deduzido daquilo que foi sendo determinado pela tradição impressa *post mortem*:

Volume/Macrotexto	Textos	Observações
<i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> [1900].	«Memórias e Notas». Cartas: I. Ao Visconde de A.-T. II. A Madame de Jouarre. III. A Oliveira Martins. IV. A Madame S. V. A Guerra Junqueiro. VI. A Ramalho Ortigão. VII. A Madame de Jouarre. VIII. Ao Sr. E. Mollinet. IX. A Clara... X. A Madame de Jouarre. XI. A Mr. Bertrand B. XII. A Madame de Jouarre. XIII. A Clara... XIV. A Madame de Jouarre. XV. A Bento de S. XVI. A Clara.	Capítulos I a VII (numeração errada pela repetição do número III).
<i>Últimas Páginas</i> [1912].	A Eduardo Prado.	Ms. Menéres Campos.
<i>Cartas Inéditas de F. M. e mais Páginas Esquecidas</i> [1929].	A E. Sturmm, alfaiate. A Paulo Vargette. A «Madame» de Jouarre. A Manuel... A... A E...	BN Esp. E1/299. BN Esp. E1/301. BN Esp. E1/300. BN Esp. E1/302. BN Esp. E1/298. BN Esp. E1/297.
<i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> (Ed. Helena Cidade Moura; Livros do Brasil) [s d.].	«Memórias e Notas». Cartas [As mesmas da 1.ª edição mais a seguinte]. XVII. Última carta a Clara.	

É, pois, deste conjunto que decorrerá o *corpus* (isto é: introdução e cartas) desta edição crítica, por agora sem destrinça sobre o local de inserção (epistolário principal ou apêndice) das várias peças. A par destes componentes, outros materiais hão de ser,

também de forma justificada, remetidos para o apêndice. Antes, porém, de procedermos a uma tal escolha e arrumação, torna-se necessário refletir sobre duas questões interligadas e de capital relevância neste contexto: a questão dos póstumos, envolvendo a relação do editor com materiais deixados inéditos, e a questão do cânone queirosiano, especialmente significativa quando deparamos com títulos (ou seja: com volumes) editados e organizados por outrem, que não o escritor.

2. A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES E O CÂNONE QUEIROSIANO

2.1. Convém lembrar que estamos aqui a lidar com uma das mais fascinantes, complexas e polissêmicas obras de Eça de Queirós. Justamente por isso, nos últimos anos *A Correspondência de Fradique Mendes* tem sido revalorizada, pelos estudos e pelos estudiosos que neste chamado *último Eça* leem sentidos de sinuosa modernidade e de densa problematização da escrita literária, das tendências estéticas finisseculares e da relação do escritor com a sua posteridade¹⁶.

Lembremos aquilo que é fundamental, no que respeita à construção deste epistolário e do seu autor, uma vez que essa construção insinua sentidos e procedimentos que, sem serem um guião de trabalho para a edição crítica, hão de estar nela presentes, com o distanciamento que a crítica textual recomenda. Como se sabe, Carlos Fradique Mendes revela-se em 1869, então como poeta satânico, inventado, num gesto de provocação

¹⁶ A expressão *último Eça* dá título a um capítulo do livro de Lopes d'Oliveira, *Eça de Queirós. A Sua Vida e a Sua Obra*, 2.^a ed., Lisboa, Edições Excelsior, s. d. [1.^a ed.: 1944]. Um aspeto complementar da mencionada revalorização é a produção ficcional que deu dimensão de personagem a Carlos Fradique Mendes. Citem-se os seguintes títulos: de Frederico Perry Vidal, *O Único Filho de Fradique Mendes* (1950); de José António Marcos, *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós* (1996); de José Eduardo Agualusa, *Nação Crioula* (1997); de Fernando Venâncio, *Os Esquemas de Fradique* (1999); de José Pedro Fernandes, *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002).

antiburguesa, por Eça, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis; logo de seguida, em 1870, assoma fugazmente n’*O Mistério da Estrada de Sintra*. O Fradique que aqui interessa é o que, depois de anos de silêncio, reaparece em meados dos anos 80, retomado e reelaborado por Eça apenas, conforme proposta que o escritor endereça a Oliveira Martins e a que adiante voltaremos, de forma necessariamente breve. É um amigo deste derradeiro e amadurecido Fradique Mendes — amigo que só em jeito de simplificação acrítica poderíamos confundir com Eça de Queirós — que se institui como biógrafo e editor de cartas dessa figura singular. Recorde-se que, em vida, Fradique conheceu Baudelaire, foi companheiro de Garibaldi, amigo de Victor Hugo e íntimo de figuras relevantes da vida pública e cultural portuguesa da segunda metade do século XIX: Antero de Quental, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, etc.

O Carlos Fradique Mendes que, a partir de 1888, conhecemos como epistológrafo é também um poeta de escassa produção e pensador atípico, corporizando uma invenção que vai além do estatuto da mera personagem ficcional (como o são, em Eça, o conselheiro Acácio, o padre Amaro ou Teodorico Raposo) e fica aquém do estatuto do heterónimo acabado, como virão a sê-lo os heterónimos pessoanos¹⁷.

Mas não é isso que importa agora. O que neste momento interessa é a condição do poeta quase inédito e autor de cartas que se trata de dar a conhecer postumamente, como importa também a questão da escrita, protagonizada por quem dela tinha uma conceção claramente material e plástica, no plano escritural e no plano estético; e cabe ainda, em função de tudo isso, analisar

¹⁷ Esta é uma questão já dilucidada por diversos estudiosos, nos últimos anos. Veja-se, a este propósito: Carlos Reis, «Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico», in *Estudos Queirosianos* (Lisboa, Presença, 1999, pp. 137-155; edição original do ensaio: 1984) e, para a «fundação» de Fradique (incluindo as afinidades desta figura com a condição heteronímica), o estudo de Joel Serrão *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985. Alguns documentos importantes para a ilustração da atividade do *primeiro Fradique*, enquanto personalidade de fatura coletiva, estão insertos na secção de apêndices desta edição crítica.

outras questões que apontam quase todas para atitudes operatórias que este trabalho solicita: a questão da posteridade, a da publicação de póstumos, a do trabalho editorial e seu âmbito de ação, a dos legatários de espólios e sua responsabilidade. O que, tudo por junto, remete para uma espécie de *Fradique perdido* e agora, graças aos manuscritos de que dispomos, parcialmente reencontrado.

Há um passo crucial d'*A Correspondência de Fradique Mendes* que deve ser lembrado. Reporta-se esse passo a um momento decisivo da edição das cartas, exigindo a colaboração de Madame Lobrinska, carinhosamente chamada Libuska, «de quem ele [Fradique] largamente fala nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real ‘com os seus veludos brancos de veneziana e os seus largos olhos de Juno’»¹⁸. Já viúva, esta Madame Lobrinska torna-se amante e confidente de Fradique, antes de ser legatária dos seus manuscritos; foram esses manuscritos que o narrador e biógrafo algumas vezes pôde entrever «dentro de um cofre espanhol do século XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *vala comum*»¹⁹.

Assim, parece justificar-se a diligência que nos é contada e que vale a pena comentar:

Logo que comecei a colecionar as cartas dispersas de Fradique Mendes, escrevi a Madame Lobrinska contando o meu empenho em fixar num estudo carinhoso as feições desse transcendente espírito — e implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de Madame Lobrinska foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida, — mostrando que decerto sob «os claros olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com

¹⁸ E. de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão Editores, 1900, p. 106.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 106.

o intuito de que para sempre conservassem o caráter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os man-tivera: e nestas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que ditara esse legado...» Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma coroa de ouro, esta divisa — PER TERRAM AD CCELUM.²⁰

Primeira clarificação, porventura desnecessária: «coleccionar as cartas dispersas», como no texto se lê, significa não apenas recolher seletivamente mas sobretudo editar, com tudo o que essa tarefa implica, nos planos técnico, ético, estético e mesmo afetivo. Para além disso, o biógrafo agora volvido em editor sabe que aceder à *vala comum* — o tal cofre de ferro lavrado que guarda o acervo de Fradique — é entrar numa intimidade que há de ser tratada com reserva espiritual e até com cautela material; daí o cuidadoso pedido, «implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*». Noutros termos: o editor parece aceitar, à partida, que os manuscritos não só não têm que ser revelados na sua totalidade, mas que bastará conhecer «*a sua natureza*».

2.2. Seja qual for o significado daquela «natureza» dos manuscritos, colhe-se daqui quase uma lição: a de que a edição de textos, mesmo sendo cartas, deve apoiar-se num mais amplo conhecimento dos documentos oficiais e dos procedimentos de escrita que suportam o trabalho de um autor; e desse trabalho — que naturalmente compreende a génese da escrita — restam materiais larvares que não são conhecidos e que também não é obrigatório revelar, pelo menos numa atitude editorial (numa *estratégia editorial*, diríamos) orientada para um público não especializado. No caso do epistolário de Fradique esse público são os concidadãos do editor, conforme pode ler-se no final da longa introdução.

²⁰ *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. cit., pp. 108-109.

E contudo, mesmo o conhecimento reservado de materiais puramente oficiais é recusado pela legatária, sob o signo de uma alegada «razão de Minerva». Apetece perguntar: que estatuto é o desta legatária — ou o de qualquer legatário de papéis deixados inéditos — e que direitos lhe assistem? A questão não é, obviamente, da ordem da crítica textual, da crítica genética ou mais latamente da história literária. Mas ela é, ainda assim, uma questão decisiva, embaraçosa e às vezes irritante, como bem sabem todos os que alguma vez tiveram que enfrentar o zelo de um ou de uma qualquer legatária, zelo nem sempre iluminado pelos motivos da Libuska fradiquista.

A «razão de Minerva» adivinhada pelo editor-biógrafo como definitivo impedimento para dar a conhecer a natureza dos manuscritos de Fradique traz à cena uma divindade cujo nome não é invocado em vão, uma vez que a deusa da sabedoria impõe ao editor uma reserva que parece justificada. Provém uma tal reserva de uma mulher que, para assumir essa restrição, põe em segundo lugar os soberbos dotes de Juno que os olhos anunciam, ou seja, a fecundidade, a energia vital e o potencial reprodutivo; a «razão de Minerva» é agora a de alguém que, reclamando a intimidade que teve com Fradique, deve ter presente o sentido da ponderada e responsável sabedoria que aquela segunda divindade evoca. Tendo compartilhado com Fradique a leitura e a vivência de um antiquíssimo poema eslavo, julga-se Libuska no direito de decidir o destino a dar aos papéis legados, conformando a vontade do amante desaparecido e condenando esses papéis a um silêncio sem remissão.

Foi, por fim, essa razão de Minerva que impediu que o biógrafo-editor pudesse assumir-se plenamente como pioneiro daquilo a que hoje chamamos crítica genética, coisa que ele não podia saber o que era (ou viria a ser), mas que de alguma forma intuía. Com efeito, o editor do epistolário deixa perceber a sua vocação para o estudo dos manuscritos, logo que nota, na carta de Libuska, os vestígios de uma escrita cuja materialidade — da caligrafia ao suporte — é significativa. De novo aquele texto já citado: «Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro sob uma coroa de ouro esta divisa — ‘PER TERRAM AD CÆLUM’».

Como se o formato da letra, a aspereza do papel e até a austera divisa que o encima fossem marcas psicológicas de quem toma uma decisão drástica e indiscutível.

Que é efetiva a vocação do biógrafo-editor de Fradique Mendes para indagações genéticas — ou então, nos termos que aqui nos interessam: que a edição crítica não pode ignorar componentes genéticos — mostra-o de forma ainda mais expressiva a consciência que ele manifesta de que os textos a editar são, antes de mais, manuscritos. No contexto das referências que o biógrafo-editor lhes faz, eles convidam a observações que, entre a grafologia e a crítica genética, de certa forma precedem o labor da crítica textual propriamente dita. Como quem sugere: o ideal será que se estude a oficina do escritor e os seus papéis, antes de se avançar para uma edição crítica²¹; mas se a obstinação de uma qualquer Libuska impedir o conhecimento do espólio, então não se prescindia da minuciosa análise dos manuscritos disponíveis e dos gestos psico-escriturais que eles revelam. Prestemos atenção ao que diz o editor-biógrafo acerca do que se encontra nas «esplêndidas folhas de ‘Whatman’» em que Fradique escrevia:

A letra que as enche, singularmente desigual, oferece a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada e fina, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a ideia; ora hesitante e demorada, com riscos, separações, como naquele esforço tão seu de tentar, espiar, cercar a real realidade das coisas: ora mais fluida e rápida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundância e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sóbrio se lhe desmanchava num esvoçar de flâmula ao vento.²²

²¹ Foi isso que se fez em C. Reis e Maria do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

²² Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. cit., p. 120.



IX

A CLARA...

(Trad.)

Paris, junho.

5 *Minha adorada amiga.* — Não, não foi na *Exposição dos Agua-*
relistas, em março, que eu tive consigo o meu primeiro encontro,
por mandado dos Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga,
no baile dos Tressans. Foi aí que a vi, conversando com Madame
de Jouarre, diante duma console, cujas luzes, entre os molhos de
10 orquídeas, punham nos seus cabelos aquele nimbo de ouro que
tão justamente lhe pertence como «rainha de graça entre as mu-
lheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir cansado,
o vestido preto com relevos cor de botão de ouro, o leque antigo
que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me
15 pareceu irreparavelmente enfadonho e feio; e voltei a readmirar, a
meditar em silêncio a sua beleza, que me prendia pelo esplendor

2: [Na Gazeta de Notícias surge apenas o título QUATRO CARTAS DE AMOR. A CLARA]

4: Paris, junho] [Sem data na GN]

5: Não, não] Não [GN]

7: mandado dos Fados.] mandado das fadas. [GN]

9: diante duma] diante de uma [GN]

12: Lembro] [Abertura de parágrafo na GN]

12: ainda,] ainda, e [GN]

14: Passei; mas] Passei — mas [GN]

15: feio;] feio: [GN]

15: voltei a readmirar,] voltei, a readmirar e [GN]

16: silêncio a] silêncio essa [GN]

16: pelo] pelo seu [GN]



patente e compreensível, e ainda por não sei quê de fino, de
 espiritual, de dolente e de meigo que brilhava através e vinha da
 alma. E tão intensamente me embebi nessa contemplação, que
 20 levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um
 fio dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria, e
 corri a encerrar-me com ela, alvoroçado, como um artista que
 nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos, descobrisse a Obra
 sublime dum Mestre perfeito.

25 E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao
 princípio, meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha
 alma, que eu a cada doce momento olhava — mas para lhe louvar
 apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e
 de Cor. Era somente uma rara tela, posta em sacrário, imóvel e
 30 muda no seu brilho, sem outra influência mais sobre mim que
 a duma forma muito bela que cativa um gosto muito educado.
 O meu ser continuava livre, atento às curiosidades que até aí o
 seduziam, aberto aos sentimentos que até aí o solicitavam; — e
 só quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o desejo novo
 35 duma ocupação mais pura, regressava à Imagem que em mim
 guardava, como um Fra Angelico, no seu claustro, pousando os

17: não sei quê] *não sei quê* [GN]

17-18: de espiritual,] de intelectual, [GN]

19: contemplação,] contemplação [GN]

21: dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria,] de seus cabelos, [GN]

22: alvoroçado, como um] alvoroçado, enlevado, como o [GN]

23: que nalgum escuro armazém, entre poeira e cacos,] que no escuro e no pó dum
 velho armazém [GN]

23: Obra] obra [GN]

24: Mestre] mestre [GN]

25: E,] E [GN]

25: imagem] imagem [GN]

26: Quadro,] quadro [GN]

28: Linha e de Cor.] linha e de cor. [GN]

29: Era somente uma rara tela, posta em sacrário,] Era apenas uma rara tela que
 permanecia no retiro de

30: mais sobre mim que a duma] mais, sobre mim, que a de uma [GN]

32: ser] ser, porém, [GN]

34: sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o] sentia uma fadiga nuca antes sentida,
 ou quando nele surgia o [GN]

35-36: pura, regressava à Imagem que em mim] pura, voltava a admirar a imagem
 que em si [GN]

36: como um Fra Angelico,] como Fra Angelico [GN]

pincéis ao fim do dia, e ajoelhando ante a Madona a implorar dela repouso e inspiração superior.

40 Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação
perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais
retirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem
que lá rebrilhava — até que só essa ocupação me pareceu digna
da vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência
45 inconstante, e fui como um monge na sua cela, alheio às coisas
mais reais, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para ele a
única realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pálido e passivo
êxtase diante da sua Imagem. Não! era antes um ansioso e forte
estudo dela, com que eu procurava conhecer através da Forma a
50 Essência, e (pois que a Beleza é o esplendor da Verdade) deduzir
das perfeições do seu Corpo as superioridades da sua Alma. E foi
assim que lentamente surpreendi o segredo da sua natureza; a
sua clara testa que o cabelo descobre, tão clara e lisa, logo me
contou a retidão do seu pensar: o seu sorriso, duma nobreza tão
55 intelectual, facilmente me revelou o seu desdém do mundanal e
do efêmero, a sua incansável aspiração para um viver de verdade

36-37: pousando os pincéis ao]

37: dia, e ajoelhando ante] dia, ajoelhava ante [GN]

38: repouso e] repouso ou [GN]

39: contemplação] contemplação excelente [GN]

41: perdido na admiração da Imagem] perdido no enlevo da imagem [GN]

43-44: vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante,]
vida, o mundo todo se me tornou uma aparência errante, [GN]

47: Mas não era, minha adorada amiga, um pálido] Não era porém em mim, um
simples [GN]

48: Imagem.] imagem [GN]

48-49: ansioso e forte estudo dela, com] ansioso estudo dela, em [GN]

49-50: Forma a Essência,] forma, a essência [GN]

50: Beleza] beleza [GN]

50: Verdade] verdade [GN]

51: Corpo] corpo [GN]

51: Alma.] alma [GN]

52-53: segredo da sua natureza; a sua clara] segredo do seu ser. Logo essa sua

53-54: me contou] me provou, sem erro, [GN]

54-55: sorriso, duma nobreza tão intelectual,] sorriso duma nobreza tão fina e como
espiritual, [RP] sorriso, tão fino e como espiritual, [GN]

55-56: do mundanal e do] do que é mundano e [GN]

e de beleza: cada graça de seus movimentos me traiu uma delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos diferenciei o que neles tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz
 60 que melhor aquece, calor que melhor alumia... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, numa adoração perpétua, os joelhos mais rebeldes. Mas sucedeu ainda que, ao passo que a compreendia e que a sua Essência se me manifestava, assim visível e quase tangível, uma influência descia dela sobre mim — uma
 65 influência estranha, diferente de todas as influências humanas, e que me dominava com transcendente onipotência. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a Santa a que me votara. Fiz então sobre mim um áspero exame
 70 de consciência. Investiguei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desconcertos que pudessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha ideia da vida era tão alta e séria como aquela que eu pressentira na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o
 75 meu coração não se dispersara e enfraquecera de mais para poder palpitar com paralelo vigor junto do seu coração. E tem sido

56-57: sua incansável aspiração para um viver de verdade e de beleza:] sua aspiração para um viver sempre mais nobre e mais belo: [GN]

57: graça de] graça dos [GN]

58-60: diferenciei o que neles tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia...] diferenciei o que neles tão subtilmente se confunde, a luz serena e toda da inteligência, o calor forte e todo do coração... [GN]

61: dobrar, numa adoração perpétua,] dobrar [GN]

62: que a] que eu a [GN]

63: Essência] essência [GN]

63: manifestava, assim] manifestava, [GN]

64-65: mim — uma influência estranha,] mim, estranha transcendente, [GN *Pronavelmente*: estranha e transcendente]

66: me dominava com transcendente onipotência.] me dominou onipotentemente. [GN]

67: Monge] [GN *abre parágrafo*.]

68: para me harmonizar e merecer a convivência com] para ficar em harmonia e ser merecedor de conviver com [GN]

69: um áspero] um duro [GN]

71-72: haveria desconcertos] haveria desvios [GN]

72: a disciplina] a infalibilidade [GN]

73-74: eu pressentira] reconhecera [GN]

em mim agora um arrojante esforço para subir a uma perfeição idêntica àquela que em si tão submissamente adoro.

80 De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo desta direção, que já não posso conceber os movimentos do meu ser senão governados por ela e por ela enobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, ideia ou sentimento, é obra dessa educação que a sua alma dá à minha, de longe, só com existir e ser compreendida. Se hoje me abandonasse a sua influência — devia antes dizer, como um asceta, a sua Graça — todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessária e preciosa... E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas — bastou que eu a avistasse de longe, numa festa, resplandecendo. Assim um arbusto silvestre floresce à borda dum fosso, porque lá em cima nos remotos céus fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma... Por isso o meu amor atinge esse sentimento indescrito e sem nome que a 95 Planta, se tivesse consciência, sentiria pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum bem imploro de quem tanto pode e é

77: agora um arrojante] agora um tumultuoso [GN]

80: a minha] a minha suprema educação [GN]

82: por ela e por ela enobrecidos.] por ela governados [GN]

83: De algum] dalgum [GN]

85: hoje me abandonasse] hoje se retirasse de mim [GN]

86: Graça] graça [GN]

88: E [GN *abre parágrafo.*]

89-90: salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas — bastou que eu a avistasse] salvadora, não foi preciso que descesse junto de mim, e que as suas mãos tocassem as minhas — mas bastou que eu a visse [GN]

91: Assim um arbusto] Assim uma planta [GN]

92: fosso,] fosso [GN]

92-94: cima nos remotos céus fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto] cima, nos altos céus, um grande sol que não a vê, não a conhece, e magnanimamente a faz desabrochar e dar [GN]

96: Planta] planta [GN]

96: consciência, sentiria] devia sentir [GN]

96: Luz.] luz. [GN]

97: que,] que [GN]

100 para mim dona de todo o bem. Só desejo que me deixe viver
sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas
perfeições, tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento.
Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo
distante e vago, na esbatida humildade duma adoração que até receia
105 que o seu murmúrio, um murmúrio de prece, roce o vestido
da imagem divina...

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu
renunciamento a toda a recompensa terrestre, me permitisse desenrolar
junto de si, num dia de solidão, a agitada confidência do meu peito,
110 decerto faria um ato de inefável misericórdia — como outrora a Virgem
Maria quando animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo
numa nuvem e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes
cair entre as mãos erguidas uma rosa do Paraíso. Assim, amanhã,
vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não há aí a santidade
115 duma cela ou duma ermida, mas quase o seu isolamento: e se a minha
querida amiga surgisse, em pleno resplendor, e eu recebesse de si,
não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente
seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescrito e
sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e
120 permissão para esperar. — FRADIQUE.

98-99: nenhum bem imploro de quem tanto pode e é para mim dona de todo o bem.] nenhum favor imploro. [GN]

100: influência,] influência onnipotente, [GN]

101: perfeições,] perfeições [GN]

102: Só peço esta permissão caridosa.] Só isto peço. [GN]

102-103: conservo distante e vago, na esbatida] conservo discreto, na retraída [GN]

103: duma] de uma [GN]

106: amiga] amiga, [GN]

106-107: meu renunciamento a toda a] meu contente renunciamento a tudo quanto é [RP] meu renunciamento a tudo quanto é [GN]

108-109: do meu peito,] do meu coração, [GN]

109: um ato de inefável] um doce ato de [GN]

110: Maria quando animava os seus adoradores, ermitas e santos] Maria [GN]

111: descendo numa nuvem] quando descia à cela ou ao ermo dos seus adoradores [GN]

111-112: um sorriso fugitivo] um fugitivo sorriso [RP]

111-112: e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes] um fugitivo sorriso ou lhes deixava [GN]

113: com Madame] com Mme. [GN]

114: duma] de uma [GN]

120: FRADIQUE.] EÇA DE QUEIRÓS. [GN]



X

A MADAME DE JOUARRE

(Trad.)

Lisboa, junho.

5 *Minha excelente madrinha.* — Eis o que tem «visto e feito», desde
maio, na formosíssima Lisboa, *Ulissipo pulcherrima*, o seu admirável
afilhado. Descobri um patricio meu, das Ilhas, e meu parente, que
vive há três anos construindo um Sistema de Filosofia no tercei-
ro andar duma casa de hóspedes, na travessa da Palha. Espírito
10 livre, empreendedor e destro, paladino das Ideias Gerais, o meu
parente, que se chama Procópio, considerando que a mulher não
vale o tormento que espalha, e que os oitocentos mil réis dum
olival bastam, e de sobra, a um espiritualista — votou a sua vida
à Lógica e só se interessa e sofre pela Verdade. É um filósofo
15 alegre; conversa sem berrar; tem uma aguardente de moscatel
excelente; — e eu trepo com gosto duas ou três vezes por semana
à sua oficina de Metafísica a saber se, conduzido pela alma doce
de Maine de Biran, que é o seu cicerone nas viagens do Infinito,
ele já entreviu enfim, disfarçada por trás dos seus derradeiros véus,
20 a Causa das Causas. Nestas piedosas visitas vou, pouco a pouco,

2-3: [Na Revista de Portugal: *Cartas de Fradique Mendes. As Cartas (2.ª série) I A MADAME DE JOUARRE* (Trad.)]

10: paladino das Ideias Gerais] paladino das ideias gerais [RP]

10-11: o meu parente, que] o meu parente que [RP]

12: o tormento que espalha] o seu tormento [RP]

12-13: mil réis dum olival] mil réis de milho duma quinta [RP]

17: se,] se ele,

18-19: viagens do Infinito, ele] viagens pelo Infinito,



conhecendo alguns dos hóspedes que nesse terceiro andar da travessa da Palha gozam uma boa vida de cidade, a doze tostões por dia, fora vinho e roupa lavada. Quase todas as profissões em que se ocupa a classe média em Portugal estão aqui representadas com fidelidade, e eu posso assim estudar, sem esforço, como num índice, as ideias e os sentimentos que no nosso Ano da Graça formam o fundo moral da nação.

Esta casa de hóspedes oferece encantos. O quarto do meu primo Procópio tem uma esteira nova, um leito de ferro filosófico e virginal, cassa vistosa nas janelas, rosinhas e aves pela parede, — e é mantido em rígido asseio por uma destas criadas como só produz Portugal, bela moça de Trás-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a indolência grave duma ninfa latina, varre, esfrega e arruma todo o andar; serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarola as louças; prega esses botões de calças e de ceroulas que os portugueses estão constantemente a perder; engoma as saias da Madama; reza o terço da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro vizinho, que está decidido a casar com ela quando for empregado na Alfândega. (E tudo isto por três mil réis de soldada.) Ao almoço há dois pratos, sãos e fartos, de ovos e bifes. O vinho vem do lavrador, vinhinho leve e precoce, feito pelos veneráveis preceitos das *Geórgicas*, e semelhante decerto ao vinho da Rethia — *quo te carmine dicam, Rethica?* A torrada, tratada pelo lume forte, é incomparável. E os quatro painéis que orlam a sala, um retrato de Fontes (estadista, já morto, que é tido pelos Portugueses em grande veneração), uma imagem de Pio IX sorrindo e abençoando, uma vista da várzea de Colares, e duas donzelas beijando uma rola, inspiram as salutares ideias, tão necessárias, de Ordem Social, de Fé, de Paz campestre, e de Inocência.

22: travessa da Palha | Travessa da Palha [RP]

23: profissões em] profissões influentes em que [RP]

29-30: um leito de ferro filosófico e virginal, cassa | um fresco leito de ferro, uma chita [RP]

31: em rígido | em metódico [RP]

44: *dicam*, | *dicam* [RP]

46: Portugueses | portugueses [RP]

A patroa, D. Paulina Soriana, é uma Madama de quarenta outonos, frescalhota e roliça, com um pescoço muito nédio, e toda ela mais branca que o chambre branco que usa por sobre uma saia de seda roxa. Parece uma excelente senhora, paciente e maternal, de bom juízo e de boa economia. Sem ser rigorosamente viúva — tem um filho, já gordo também, que rói as unhas e segue o curso dos liceus. Chama-se Joaquim, e, por ternura, Quinzinho; sofreu esta primavera não sei que duro mal que o forçava a infindáveis orchatas e semicúpios; e está destinado por D. Paulina à burocracia que ela considera, e muito justamente, a carreira mais segura e a mais fácil.

— O essencial para um rapaz (afirmava há dias a apreciável senhora, depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado, o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês.

Mas D. Paulina está tranquila com a carreira do Quinzinho. Pela influência (que é toda-poderosa nestes Reinos) dum amigo certo, o senhor conselheiro Vaz Neto, há já no Ministério das Obras Públicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, à espera do Quinzinho. E mesmo como o Quinzinho foi reprovado nos últimos exames, já o senhor conselheiro Vaz Neto lembrou que, visto ele se mostrar assim desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Liceu, e entrar imediatamente para a repartição...

— Que ainda assim (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidências) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprego, como V. Ex.^a vê: era pelo gosto.

Quinzinho tem pois a sua prosperidade agradavelmente garantida. De resto suponho que D. Paulina junta um pecúlio prudente.

54: senhora, paciente] senhora paciente [RP]

60: burocracia] Burocracia [RP]

64: arrumado,] logo arrumado; [RP]

66: tranquila com a carreira] tranquila a respeito

68: Vaz Neto,] Vaz Neto, deputado e diretor-geral, [RP]

80: Quinzinho tem pois a sua prosperidade] A carreira do Quinzinho está pois [RP]

81: D. Paulina junta] D. Paulina vai juntando [RP]

Na casa, bem afreguesada, há agora sete hóspedes — e todos fiéis,
sólidos, gastando, com os extras, de quarenta e cinco a cinquenta
mil réis por mês. O mais antigo, o mais respeitado (e aquele que
85 eu precisamente já conheço) é o Pinho — o Pinho brasileiro, o
comendador Pinho. É ele quem todas as manhãs anuncia a hora
do almoço (o relógio do corredor ficou desarranjado desde o
Natal), saindo do seu quarto às dez horas, pontualmente, com a
sua garrafa de água de Vidago, e vindo ocupar à mesa, já posta,
90 mas ainda deserta, a sua cadeira, uma cadeira especial de verga,
com almofadinha de vento. Ninguém sabe deste Pinho nem a
idade, nem a família, nem a terra de província em que nasceu,
nem o trabalho que o ocupou no Brasil, nem as origens da sua
comenda. Chegou uma tarde de inverno num paquete da Mala
95 Real; passou cinco dias no Lazareto; desembarcou com dois baús, a
cadeira de verga, e cinquenta e seis latas de doce de tijolo; tomou
o seu quarto nesta casa de hóspedes, com janela para a travessa;
e aqui engorda, pacífica e risonhamente, com o seis por cento das
suas inscrições. É um sujeito atochado, baixote, de barba grisalha,
100 a pele escura, toda em tons de tijolo e de café, sempre vestido de
casimira preta, com uma luneta de ouro pendente numa fita de
seda, que ele, na rua, a cada esquina, desemaranha do cordão de
ouro do relógio para ler com interesse e lentidão os cartazes dos
teatros. A sua vida tem uma dessas prudentes regularidades que
105 tão admiravelmente concorrem para criar a ordem nos Estados.
Depois de almoço calça as botas de cano, lustra o chapéu de seda,
e vai muito devagar até à Rua dos Capelistas, ao escritório térreo
do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado num mocho,
junto do balcão, com as mãos cabeludas encostadas ao cabo do
110 guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela
Rua do Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contem-

82: Na casa, bem afreguesada, há] A casa, bem afreguesada, tem [RP]

88: Natal),] Natal) [RP]

91: Pinho nem] Pinho — nem [RP]

94: uma tarde] uma manhã [RP]

99-100: sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, toda em tons de
tijolo e de café,] sujeito baixote, vagaroso, de barba grisalha, pele esverdinhada, [RP]

104: dessas prudentes] dessas quietas [RP]

plar alguma senhora de sedas mais tufadas ou alguma vitória de
 librés mais lustrosas, alonga os passos para a tabacaria Sousa, ao
 Rossio, onde bebe um copo de água de Caneças, e repousa até
 115 que a tarde refresque. Segue então para a Avenida, a gozar o ar
 puro e o luxo da cidade, sentado num banco; ou dá a volta ao
 Rossio, sob as árvores, com a face erguida e dilatada em bem-estar.
 Às seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos
 de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta,
 120 repetindo sempre a sopa. Depois do café dá um «higiénico» pela
 Baixa, com demoras pensativas, mas risonhas, diante das vitrines
 de confeitaria e de modas; e em certos dias sobe o Chiado, dobra
 a esquina da Rua Nova da Trindade, e regateia, com placidez e
 firmeza, uma senha para o Ginásio. Todas as sextas-feiras entra
 125 no seu banco, que é o *London Brazilian*. Aos domingos, à noitinha,
 com recato, visita uma moça gorda e limpa que mora na Rua da
 Madalena. Cada semestre recebe o juro das suas inscrições.

Toda a sua existência é assim um pautado repouso. Nada
 o inquieta, nada o apaixona. O universo, para o comendador
 130 Pinho, consta de duas únicas entidades — ele próprio, Pinho, e
 o Estado que lhe dá o seis por cento: portanto o universo todo
 está perfeito, e a vida perfeita, desde que Pinho, graças às águas
 de Vidago, conserve apetite e saúde, e que o Estado continue a
 pagar fielmente o coupon. De resto, pouco lhe basta para contem-
 135 tar a porção de Alma e Corpo de que aparentemente se compõe.
 A necessidade que todo o ser vivo (mesmo as ostras, segundo afir-
 mam os Naturalistas) tem de comunicar com os seus semelhantes
 por meio de gestos ou sons, é em Pinho pouco exigente. Pelos

111-113: pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora de sedas mais tufadas ou alguma vitória de librés mais lustrosas,] pachorra que lhe permite a observação, parando a olhar uma mulher de olhos mais picantes ou algum coupé de melhor parelha, [RP]

115: então para a] então às vezes até à [RP]

119: uma regalada] uma larga [RP]

121-122: vitrines de confeitarias e de modas;] vitrines mais alumiadas; [RP]

125-126: domingos, à noitinha, com recato, visita uma moça gorda e limpa] domingos, com um método prudente e são, visita uma costureira, moça ordeira, [RP]

128: um pautado] um contínuo [RP]

130: Pinho,] Pinho [RP]

138: de gestos] de ideias [RP]

138: Pelos] Aí pelos [RP]

meados de abril, sorri e diz, desdobrando o guardanapo — «temos
 140 o verão connosco»: todos concordam e Pinho goza. Por meados
 de outubro, corre os dedos pela barba e murmura — «temos
 connosco o inverno»: se outro hóspede discorda, Pinho emudece,
 porque teme controvérsias. E esta honesta permutação de ideias lhe
 basta. À mesa, contanto que lhe sirvam uma sopa suculenta, num
 145 prato fundo, que ele possa encher duas vezes — fica consolado e
 disposto a dar graças a Deus. O *Diário de Pernambuco*, o *Diário de*
Notícias, alguma comédia do Ginásio, ou uma Mágica, satisfazem
 e de sobra essas outras necessidades de inteligência e de imagi-
 nação, que Humboldt encontrou mesmo entre os Botecudos. Nas
 150 funções do sentimento Pinho só pretende modestamente (como
 revelou um dia ao meu primo) «não apanhar uma doença». Com
 as coisas públicas está sempre agradado, governe este ou governe
 aquele, contanto que a polícia mantenha a ordem, e que não se
 produzam nos princípios e nas ruas distúrbios nocivos ao paga-
 155 mento do coupon. E enquanto ao destino ulterior da sua alma,
 Pinho (como ele a mim próprio me assegurou) — «só deseja depois
 de morto que o não enterrem vivo». Mesmo acerca dum ponto
 tão importante, como é para um comendador o seu mausoléu,
 Pinho pouco requer: — apenas uma pedra lisa e decente, com o
 160 seu nome, e um singelo *orai por ele*.

Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que
 Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano. Não! Estou certo
 que Pinho respeita e ama a humanidade. Somente a humanidade,
 para ele, tornou-se no decurso da sua vida excessivamente restrita.
 165 Homens, homens sérios, verdadeiramente merecedores desse nobre

139: diz,] diz [RP]

140: Pinho goza.] Pinho gosta. [RP]

143: porque teme] porque detesta [RP]

144-145: uma sopa suculenta, num prato fundo, que ele] uma boa sopa, num prato bem fundo, que [RP]

145-146: fica consolado e disposto a dar] fica pronto a dar [RP]

147: Ginásio, ou] Ginásio, e por vezes [RP]

161-162: Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano.] Seria porém um erro, minha querida madrinha, o supor que tudo quanto é humano é alheio a Pinho. [RP]

164: sua vida excessivamente] sua vida, excessivamente [RP]

165: verdadeiramente merecedores] verdadeiramente homens, merecedores [RP]

nome, e dignos de que por eles se mostre reverência, afeto, e se arrisque um passo que não canse muito — para Pinho só há os prestamistas do Estado. Assim, meu primo Procópio, com uma malícia bem inesperada num espiritualista, contou-lhe há tempos em confiança, arregalando os olhos, que eu possuía muitos papéis! muitas apólices! muitas inscrições!... Pois na primeira manhã que voltei, depois dessa revelação, à casa de hóspedes, Pinho, ligeiramente corado, quase comovido, ofereceu-me uma boceta de doce de tijolo embrulhada num guardanapo. Ato tocante, que explica aquela alma! Pinho não é um egoísta, um Diógenes de rabona preta, secamente retraído dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Há nele toda a humana vontade de amar os homens seus semelhantes, e de os beneficiar. Somente quem são, para Pinho, os seus genuínos «semelhantes»? Os prestamistas do Estado. E em que consiste para Pinho o ato de benefício? Na cessão aos outros daquilo que a ele lhe é inútil. Ora Pinho não se dá bem com o uso da goiabada — e logo que soube que eu era um possuidor de inscrições, um seu semelhante, capitalista como ele, não hesitou, não se retraiu mais ao seu dever humano, praticou logo o ato de benefício, e lá veio, ruborizado e feliz, trazendo o seu doce dentro dum guardanapo.

É o comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez a ordem duma nação, não há mais prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitios da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em higiénico recato, a sua reticência,

168: Assim,] Assim, o [RP]

169: bem inesperada] bem estranha [RP]

174: tijolo] tijolo, [RP]

174: tocante,] tocante, ato profundo, [RP]

175: Pinho] O Pinho [RP]

177: humana vontade] humana tendência [RP]

180: benefício. Na] benefício. No ato vulgar, adotado por todos, nestes tempos de individualismo — na [RP]

181: que a ele lhe é] que nos é a nós [RP]

185: benefício,] benefício (que em circunstâncias como as minhas toma o carácter de ato de amabilidade) [RP]

a sua inércia. Dum Pinho nunca pode sair ideia ou ato, afirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, colado sobre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando também, Pinho apresenta todos os caracteres duma excrescência sebácea. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos mórbidos, que o parasitam, o sugam, o infecionam e o sobre-excitam, esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão dum título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nele simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à Família e à Religião. O pai de Pinho chamava-se Francisco — Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito barão de S. Francisco.

Adeus, minha querida madrinha! Vamos no nosso décimo oitavo dia de chuva! Desde o começo de junho e das rosas, que neste país de sol sobre azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Phebo, está chovendo, chovendo em fios de água cerrados, contínuos, imperturbados, sem sopro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantize, formando das nuvens às ruas uma trama mole de humidade e tristeza, onde a alma se debate e definha como uma borboleta presa nas teias duma aranha. Estamos em pleno versículo XVII, do capítulo VII do Génesis. No caso destas águas do céu não cessarem, eu concluo que as intenções de Jeová, para com este país pecador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou assírios. Se por acaso daqui a tempos uma pomba branca for bater com as asas à sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca,

199: nos nossos tempos] nos tempos que vão,

213: contínuos, imperturbados,] contínuos, metódicos, [RP]

215: uma trama mole] uma trama subtil [RP]

216: definha] definha, [RP]

222: Arca segundo os bons] Arca, segundo os [RP]

225 levando comigo, entre outros animais, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tendo baixado as águas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do coração — FRADIQUE.